

DESBRAVADOR

ORÇÃO DO GRÊMIO CULTURAL «SANTA MARIA»

LEPANTO - 1571



ANO 8

OUTUBRO 7

NUMERO 94

Escrevem os leitores

"...Como nos enriquece o conhecimento sobre a vida dos santos, que nos é mostrado através de "O Desbravador. Oramos e pedimos a Deus na Pessoa de Jesus e a Virgem Mãe para que esta obra atinja muitos lares sequiosos. Envio ajuda de Cz \$ 500,00. Salve Maria"

EDISON ALVES DE SOUZA
SANTO ANDRÉ - SP

"...Solicito o obsêquio de mudar o meu endereço..."

DÉCIO FRANÇA LOBO
OURO PRETO - MG

"...Venho através desta, solicitar -vos receber a revista "O Desbravador", a qual me interessou muito, visto que, a conheci através de uma assinante de mesma. Para que eu possa receber a revista, meu endereço é... Na esperança de receber logo essa revista, justamente por pertencer a uma entidade católica..."

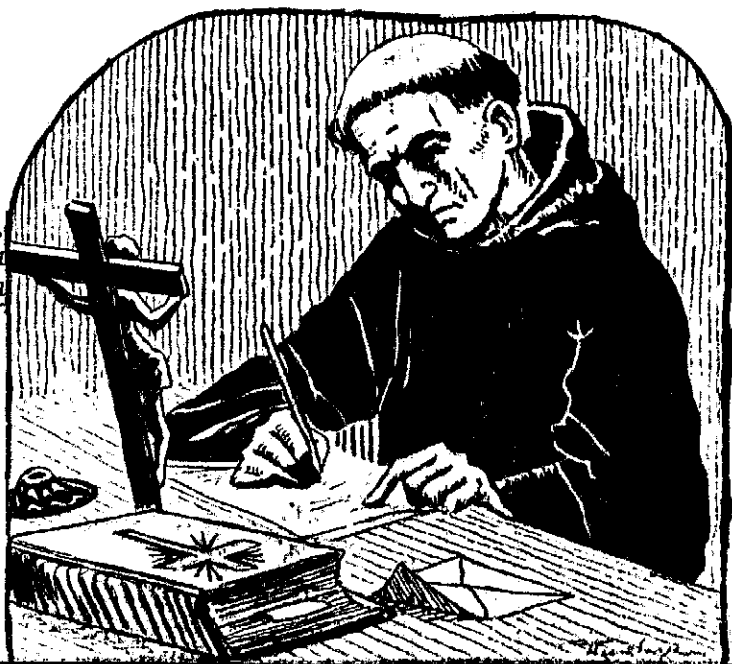
GRACINDA FONSECA PIRES ALEXANDRE
SÃO PAULO - SP

"...Quero dizer-lhes que continuem mandando... Recebo "O Desbravador" desde o número 50..."

ERICO NUNES FERREIRA
SÃO PAULO - SP

"...Quando menos esperava, chegou minha mãe que trazia consigo algo que ao passar para as minhas mãos me transformou: nada mais importante do que uma interessante revista... Eu gostei muito do jornalzinho e gostaria de obter dos responsáveis pela distribuição do mesmo informações para que eu possa receber os seus números..."

ANTÍSIO VIEIRA
VITÓRIA DA CONQUISTA - BA



O DESBRAVADOR
ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"

DIRETOR:
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTES DE DIREÇÃO

ANSELMO LÁZARO BRANCO
VALMIR DE CASTRO

SUPERVISÃO

SELMA AP. L. B. DE MATOS
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS

COMPOSIÇÃO

ESTUDIO "FRA ANGÉLICO"

REDAÇÃO

JOSE HENRIQUE DO CARMO
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
SÉRGIO BORGES F. MOLINARI
SÁVIO FERNANDES BEZERRA
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
MARIA DO CARMO M. RUFINO

SECRETARIA

SHEFFERSON SANDER FERREIRA
LAURINDO GONÇALVES
ALYSSON LUIS DO CARMO
VICENTE WALTIER S. MACHADO

EXPEDIÇÃO

EDSON RODRIGUES DOS SANTOS
ROMILSON CHAVES SILVA
ROBERTO MANGINI
WALADYER NERI S. MACHADO
LUIZ AKIO YASUTAKE
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
EDVAN RODRIGUES DOS SANTOS

CORRESPONDÊNCIA

CAIXA POSTAL 6416
01051 SÃO PAULO - SP

EDITORIAL

Quando vemos tantas almas se perdendo e se condenando às penas eternas do inferno, sentimos que isto ocorre porque não rezam, ou rezam pouco.

E entre todas as orações que conhecemos, vemos que há uma que possui um poder enorme na conversão dos homens: o Santo Rosário de Maria.

É tal o poder desta devoção, que os santos e Papas não tem cessado de recomendá-la.

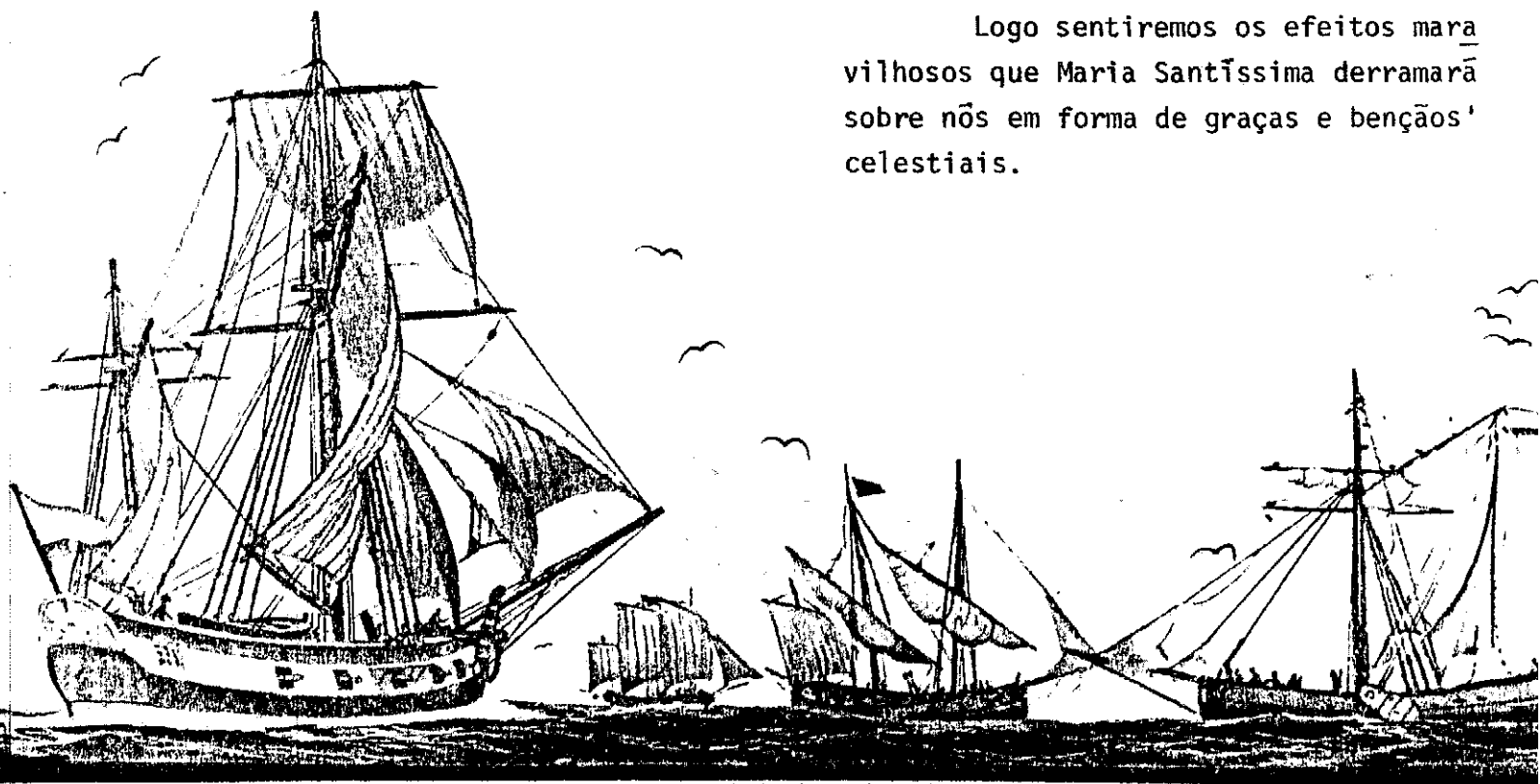
São inumeráveis as conversões que se operam pela sua recitação. São muitíssimos os pecadores que mudaram de vida por terem-no rezado. São incontáveis as graças que Nossa Senhora derramou sobre seus eleitos que não temem em desfiar as santas contas do Rosário.

Os próprios demônios testemunham a grandeza do poder desta maravilhosa oração, ao demonstrarem em mais de uma ocasião seu ódio infernal e seu medo enorme por ela.

Abençoada a alma que o recita todos os dias, abençoados aqueles que o propagam. Serão felizes nesta vida sob a proteção de Maria. Serão felizes na hora da morte quando terão a Mãe de Deus a protegê-los. Serão, enfim, eternamente bem aventurados no Céu que lhes será aberto pela oração do Rosário.

Se temos problemas em nossa vida privada, em nossa família, em nossas necessidades materiais, não hesitemos, tomemos nosso Rosário nas mãos e passemos a rezá-lo diariamente, até o fim de nossos dias.

Logo sentiremos os efeitos maravilhosos que Maria Santíssima derramará sobre nós em forma de graças e bençãos celestiais.



"NO ROSÁRIO TENHO ENCONTRADO OS ATRATIVOS MAIS SUAVES, MAIS EFICAZES E MAIS PODEROSOS PARA ME UNIR COM DEUS"
(Santa Tereza de Ávila)

REI MAX



Seja um Vencedor!

Ser um vencedor: eis a meta por tantos pretendida, por pouquíssimos alcançada.

Quer se vencer na vida, sendo-se o primeiro em qualquer atividade; quer se vencer no esporte, sendo-se o campeão, já mais o vice; quer se vencer nos estudos, cursando-se as melhores escolas e conseguindo-se os primeiros lugares; Quer se vencer na política, obtendo-se os cargos de maior realce.

E, curiosamente estas e outras vitórias nem sempre são alcançadas, ou quando o são, duram tão pouco em seus efeitos e na lembrança dos homens.

Quantos políticos de projeção são hoje lembrados apenas como o nome de uma rua. Quantas projeções alcançadas foram interrompidas por circunstâncias adversas. E, o que dizer dos campeões esportivos? Quantos deles já caíram no esquecimento e quantos acabaram na miséria, vivendo da caridade pública!



As vitórias desse mundo são fugazes, elevam as pessoas momentaneamente e depois as mesmas pessoas, cedo ou tarde são olvidadas e de nada lhes vale a sua vitória passada, pelo contrário, este fato é motivo de amargas lembranças: "quando eu era governador!", "quando comprei aquela mansão!", são frases que não passam, via de regra, de triste recordação.

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR EM MAX SCHMELING? PROVAVELMENTE NÃO. ENTRETANTO SAIBA QUE ELE FOI FAMOSÍSSIMO NA DÉCADA DE 30, A PONTO DE SER CHAMADO "REI MAX", PELO FATO DE SER CAMPEÃO MUNDIAL DE BOX. AS VITÓRIAS DESTA MUNDO SÃO LOGO ESQUECIDAS. LUTEMOS PARA ALCANÇAR A VITÓRIA VERDADEIRA: A VIDA ETERNA

Ser santo! Eis a grande e imperecível vitória.

Vitória, em primeiro lugar sobre si próprio, que é a mais dura, mais difícil, mas a mais bela a ser alcançada.

Vitória aos olhos dos homens que terão no santo um exemplo a ser imitado.

Vitória aos olhos de Deus que será glorificação de forma maravilhosa e que será o Prêmio do vencedor.

Que sublime para aquela pessoa que como São Paulo puder dizer que lhe está reservada a coroa de justiça que o Senhor, Justo Juiz, lhe dará naquele dia.

Rezemos a Nossa Senhora, pedindo a graça da santificação, querendo ser santos e então conseguiremos estar no rol dos verdadeiros vencedores cuja vitória perdurará por toda eternidade.



UMA COROA

DE ROSAS



Os séculos onze, doze e treze foram nefastos para a cristandade. A perversa e materialista seita dos Albigenses ia fazendo inúmeros estragos no rebanho do Senhor, quando São Domingos de Gusmão, desabafando a sua dor com a Virgem Santíssima, por tantos males causados às almas, teve do Céu o aviso seguinte: "*Este terreno será sempre estéril até que não caia chuva.*" Compreendeu São Domingos de que chuva a Senhora queria falar e pôz-se a pregar a nova devoção do Rosário.

Tão santa e ardentemente se pôs o apóstolo nessa nova cruzada que em pouco tempo os Albigenses perderam o seu predomínio, ficando a suas ímpias doutrinas afogadas na chuva predita pela Virgem.

O Rosário é uma coroa odorífera de rosas, oferecida à nossa Mãe Santíssima, como penhor do nosso carinho e devotamento.

A rosa é o símbolo do amor e da caridade, esses dons preciosos do coração humano, que aviventam no fogo de nossa alma as manifestações de fé e de adoração que tributamos a Deus.

Do rosal do nosso peito erguem-se essas flores balsâmicas, flores da alma, que alegam os anjos e adornam com suas pétalas os pés imaculados da Virgem das Virgens.

Sim, as rosas do Rosário são as Ave-Marias, essa saudação magnífica com que o Arcanjo Gabriel felicitou a futura Mãe de Deus da parte do seu futuro Filho, Jesus: Ave, gratia plena! Deus te salve, ó cheia de graça!

Desafiando as contas do Rosário, estamos sempre a recordar esse mistério enternecedor, que põe em foco a grande misericórdia de Deus e a mais edificante humildade da Virgem.

Deus escolhendo-A para ser a Corredentora da humanidade e Ela recusando essa graça tão excelsa, com medo de perder a flor mais aromática do seu coração: a virgindade. E porque Ela reconheceu a sua baixaza é que Deus fez aquele prodígio que os profetas previram e os séculos admiram; isto é, que permanecendo sempre virgem seria Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo. Não há aqui um absurdo anatômico, há, sim, uma suspensão milagrosa das leis naturais, a qual deu à Virgem o privilégio de Imaculada.



Repetir, pois, 150 vezes a Saudação Angélica, rezando o Rosário, não é repetir uma enfiada monótona de palavras; é, sim, acompanhar S. Gabriel na sua homenagem à Virgem, é acompanhar Santa Isabel, abençoando o fruto das suas entranhas, e pedir com a Santa Igreja, que Ela nos ampare agora e na hora da nossa morte.

Sublime oração! Quantas vezes não acontece que a dizemos entre dentes sem pensarmos sequer na excelência dos mistérios que ela representa! Ah! então, em vez de rosas cheias de viço, oferece mos a Senhora pétalas murchas de uma murcha devoção! Triste verdade!

Para aquilatarmos o valor do Rosário basta pensarmos no bem imenso que ele tem feito, nas conversões operadas, nas guerras evitadas, nas vitórias alcançadas, nas curas conseguidas e nas inúmeras indulgências concedidas ao Rosário pelos Soberanos Pontífices.

O Rosário é desde há séculos, uma devoção universal. Quem é que não possui as suas contas e por elas reza todos os dias? Quem é que não guarda com afeto esse objeto sagrado, que nos livra das insídias do demônio e da corrupção do século? O ímpio olha com desdém para a velhinha que, num canto, passa devotamente as suas contas, mas não sabe que a virtude dessas mesmas contas, já poídas, deve ela a sua honra, a pureza do seu coração e a certeza de morrer na paz do Senhor, nos braços de Maria.



Ridicularize, embora a impiedade, tão rica devoção; nós lhe responderemos que o Rosário tem força não só para abater as artimanhas do domônio, mas também as de seus sequazes. E senão a história aí está para comprová-lo: O Rosário venceu as heresias e deu por terra com o império dos Otomanos, em Lepanto.

Para ganharmos as indulgências anexas à reza do Rosário é preciso contemplarmos os mistérios gloriosos, gozosos e dolorosos da vida, paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo e de sua Mãe Santíssima. Aqui é que a alma acha o bálsamo que a conforta, que a corrobora, que a torna poderosa contra o espírito do mal. Medita-se a paixão e Morte do Redentor e ainda se cairá em pecado? Meditam-se os sofrimentos da Virgem e ainda blasfemaremos a sua vida?



Rezar o Rosário é deitar no coração, gota a gota, o bálsamo da resignação cristã; é reformar os costumes, é tornarmo-nos mais dignos filhos de Deus. Rezar o Rosário é revestirmo-nos de coragem para encarar os perigos mesmo materiais, tanto que um grande católico e grande militar disse "que ia à guerra com a espada em punho e com o rosário na mão," como se as balas respeitassem o soldado ou o general que levassem aquela santa coroa. Que isto seja assim, comprova-o o fato seguinte:

O sino da freguesia tocava a Trindade. O velho Domingos, com passo vagaroso, aproximou-se do oratório, abriu-o, acendeu duas velas e prostrou-se de joelhos, murmurando uma prece à espera dos filhos, netos e criados. Não se passaram dois minutos, e todos os moradores do palácio, com as contas na mão, rezavam devotamente as Ave Marias, com a contemplação dos mistérios. Fora, porém, começara o rumorejar de uma terrível tempestade: os elementos pareciam estar em guerra entre si, tanto era o fragor dos trovões e relâmpagos e desenfreado zunir do vento. A testa do velho franziu-se um tanto, como se ele presentira um grande perigo. Mais intensa foi a sua devoção, mais alta pareceu ser a sua voz; o seu exemplo foi seguido por todos os presentes. Os mais pequeninos aproximaram-se da mãe e do avô, como se neles encontrassem uma guarida segura. Mas a tempestade continuava: os raios cruzam-se nos ares em mil zigue-zagues,

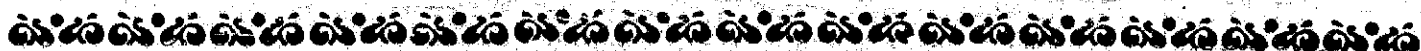
"ENTRE TODAS AS HOMENAGENS QUE SE DEVEM À MÃE DE DEUS, NÃO CONHEÇO NENHUMA MAIS AGRADÁVEL QUE O ROSÁRIO" (Santo Afonso Maria de Ligório)

ameaçadores e horríveis, senão quando ouve-se um estampido ensurdecedor e logo após uma faísca elétrica deslumbrou a todos os devotos da Virgem, fazendo um giro na sala e indo depois precipitar-se com grande ruído no jardim do palácio. Naquele momento, que para todos parecia o último, diziam-se as palavras: "Santa Maria, Mãe de Deus, Rogai por nós os pecadores, agora e na hora da nossa morte, Amém." Maria, honrada tão bem naquela casa, quis poupar os seus moradores, servindo-lhe de para-raios. Bendita eficácia do Rosário rezado em família!

Possa servir este exemplo para afervorar a devoção dos tíbios e animar os que todas as noites celebram as glórias de Maria com a reza do Rosário.



REZAI O TERÇO TODOS OS DIAS
(Nossa Senhora, em Fátima)



DEUS NAO FALHA

Douglas Hyde, que foi diretor do "Daily Worker", jornal comunista de Londres, narra em sua autobiografia como encontrou o Verdadeiro Deus

Douglas Hyde era um ferrenho lutador pelos ideais comunistas. Mas alguma coisa dizia em seu íntimo, que os princípios básicos da doutrina da Igreja e a própria história estavam mais certos do que aquilo que o comunismo sabia dizer sobre o homem, sobre a vida familiar e, acima de tudo, sobre a própria vida. Mais Douglas percebeu que os pensadores católicos sabiam provar a existência de Deus com provas muito superiores àquelas de que usavam Marx e Engels para negar a Deus.

Mas apesar de todos os seus esforços, Douglas não conseguia chegar a crer, a ter fé em Deus. Sentia-se confuso e como que dividido. Neste seu estado de perplexidade, embora nunca em sua vida tivesse posto os pés numa igreja católica, nem se houvesse jamais importado com o catolicismo dirigiu-se um dia para uma velha igreja em Londres. Ali sentia-se "inexplícitamente" bem, sem saber porque. Cier e rezar Douglas ainda não o sabia. Parecia-lhe impossível ter que ajoelhar-se e falar com alguém, que ali não estava, que simplesmente nem existia.

Certa manhã acomodara-se outra vez na penumbra daquela igreja quando uma jovem de cerca de 20 anos passou a seu lado. Pela expressão de sua fisionomia, percebeu Douglas que aquela jovem deveria estar levando um peso sobre o coração. A jovem, atravessando o corredor central, dirigiu-se diretamente para a frente, genuflectiu devotamente e dobrou para a esquerda, para o altar da Virgem. Acendeu uma vela, atirou algumas moedas para dentro do cofre de esmolas, reclinou-se sobre o genuflectório e mergulhou em profunda oração. Podiam-se perceber as contas do rosário a deslizarem por entre os seus dedos.

"Quando, após muito tempo, a moça tornava a sair da igreja e passava ao

meu lado, olhei novamente o seu rosto. Aquele peso, que antes a oprimia, parecia ter desaparecido como por encanto. Seu andar parecia mais leve. Seu coração aliviado. E eu já arrastava o meu fardo por meses e anos..."

Mal saíra a moça, Douglas, depois de certificar-se de que não havia alma viva no templo, enfiou-se também ele pelo corredor central, dirigiu-se ao altar de N. Senhora, atirou algumas moedas no mealheiro, ajoelhou no genuflectório e tentou rezar à Mãe de Deus. Mas ele não sabia como fazê-lo. Nunca rezara em sua vida. "Deveria eu rezar diretamente à Maria ou por intermédio dela, invocando-a como Medianeira. Deveria eu contemplar a estatua e dirigir minha prece à estatua mesma ou àquela que a estatua representava?"

Douglas tentou dirigir à Maria algumas palavras, que ele alguma vez encontrara nos livros...

"Então eu percebi que meu eterno procurar chegara a seu final. Eu não tinha falado a um nada. Eu sentia que falara a alguém". Após muito lutar e procurar, encontrou ele a fé em Deus, fé na oração e, acima de tudo, ânimo para abrir mão da sua posição de diretor do "Daily Worker" para pôr os fundamentos de uma vida nova de cristão.

"Seis homens, que como eu tinham sido comunistas e seguidores de Marx e Engels e que se retiravam desiludidos do movimento, entitularam a sua história com a epígrafe: "O deus que falhou". Eles perderam a sua fé no comunismo... e agora se achavam diante dum ídolo de barro, dum nada... Eu tive mais sorte. Larguei o comunismo porque encontrei coisa bem melhor. É verdade, não me foi fácil chegar a conhecer Deus.

Mas uma coisa é certa: Deus não me desiluiu, nem falhou.



* Nós de "O Desbravador" não teríamos usado as expressões "mais certos" e "bem melhor", pois a Doutrina da Santa Igreja é o antídoto do comunismo, que é intrinsecamente mau. Não chamaríamos de provas (do comunismo), blasfêmias que negam a Deus. Mantivemos as palavras do autor, para mostrar o processo de sua conversão. Cremos que as suas falhas terminológicas, se devem à sua condição de neoconvertido.

Douglas Hyde

"SE QUISEDES QUE A PAZ REINE EM VOSSAS FAMÍLIAS E EM VOSSA PÁTRIA, REZAI TODOS OS DIAS, EM FAMÍLIA, O SANTO ROSÁRIO" (São Pio X)

Lepanto: uma vitória do Rosário!



A Virgem Maria tem mil títulos, que lhe vieram proclamando os corações de seus filhos ao decorrer dos séculos.

O nome "da Vitória" é antiquíssimo, mas foi em parte eclipsado pela invocação "do Rosário", principalmente desde a batalha de Lepanto e da consequente instituição da nossa festa de 7 de outubro.

Foi um dos momentos mais críticos, emocionantes e pavorosos da Cristandade.

Os turcos, que então formavam uma nação potente e atrevida, ensobreceram-se com longa série de extraordinárias vitórias, vindo a pretender o domínio de toda a Europa e o tremular de sua bandeira, a meia-lua, na cúpula de São Pedro, em Roma.

Já haviam caído sob o poder de Solimão II as praças de Belgrado, da Ilha de Rodas, de Budapeste, de Viena d'Austria...

Atônitos, compreenderam os Cristãos que, agora, a sua sorte dependia dos Azares de uma só batalha.

O Santo Padre Pio V, mais tarde canonizado, pôs-se à frente desse imprescindível empreendimento, mas os monarcas achavam-se desanimados e os seus reinos enfraquecidos.

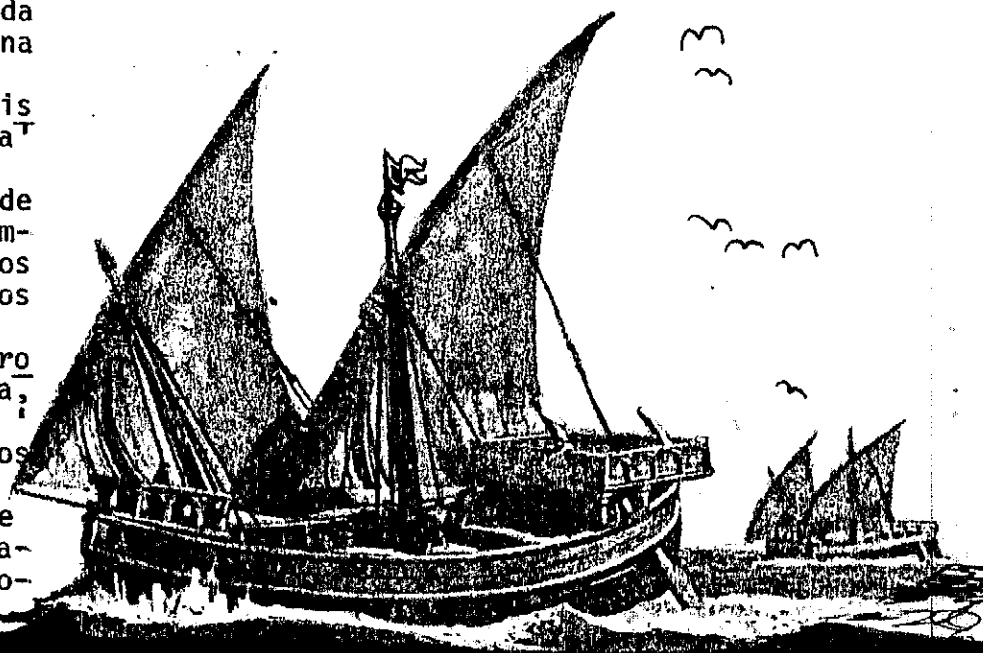
Reuniu-se afinal uma armada, provinda sobretudo de Veneza, de Espanha, e constituída de 300 navios de velas ou movidos a remos, quase improvisados ao passo que a Turquia contava igual número de barcos, porém terrivelmente apetrechados, com marinheiros adestrados e animosos, com inúmeras e vigorosas tropas de desembarque.

Entre os cristãos não podia haver firme esperança de vitória sem auxílio especialíssimo do céu.

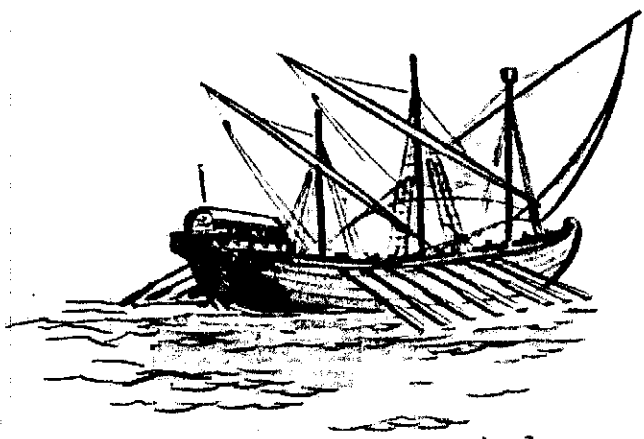
Conhecendo pois o Pontífice, assim como os capitães de mar, o êxito incerto de tão arrojada e imprescindível empresa, colocou-a solene e ardentemente sob a proteção da Virgem Maria pedindo aos fiéis com insistência que a invocassem, muito especial pela recitação do Rosário.

Na cidade de Nápoles, Pio V abençoou em pessoa os combatentes, lá representados pelos seus maiores chefes, entregando-lhes ao mesmo tempo a bandeira do triunfo.

Dar-se-ia a batalha aos 7 de outubro de 1571.



"O ROSÁRIO É O COLAR DE PÉROLAS DE MINHA MÃE DO CÉU"
(São Felipe Neri)

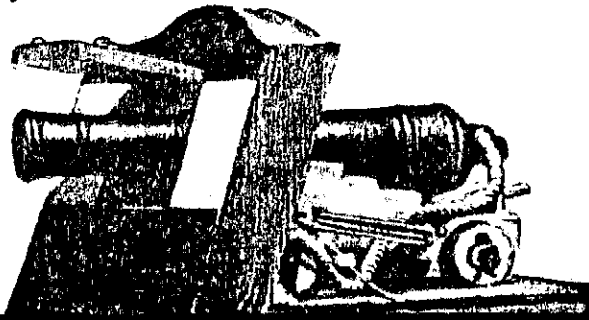


No momento aprazado largaram os navios de Corfu, sob o comando supremo de D. João d'Austria, irmão de Filipe II, rei de Espanha.

Os turcos, ancorados em Lepanto, com o seu capitão-geral Ali Pachã, tanto desprezo votavam à armada cristã, tão informados estavam de sua debilidade, que nunca pensaram em ser atacados. E, quando a viram apontar ao longe, nenhum pensamento de derrota os assaltou: só discutiram o meio de cercá-la, de esmagá-la, de modo que nem sequer uma embarcação lhe deixassem para anunciar ao Ocidente a derrocada dos sonhos vãos do Papa.

Contemplaram-se, pois, os combatentes, ainda afastados. De súbito, um brado dos chefes cristãos, acompanhados pela marinhagem inteira, consagra a batalha e o triunfo a Santa Maria.

A doze milhas do inimigo, D. João D'Austria transmite o aviso do combate, arvorando no mastro grande da nau capitânea o estandarte papal, onde aparece a imagem sacrossanta de Cristo Crucificado. Foi o sinal de novos gritos de alegre confiança na refrega. E, a um segundo aviso, oficiais e soldados, sem faltar um só, adoram de joelhos o Cristo do Calvário. Espetáculo grandioso e comovente! Logo a seguir, aqueles milhares de combatentes cristãos voltaram o pensamento para a efigie de Nossa Senhora que dominava a sala principal de cada embarcação, apertando nas mãos o terço "de cinquenta contos" que levavam consigo, qual presságio e garantia da proteção divina.

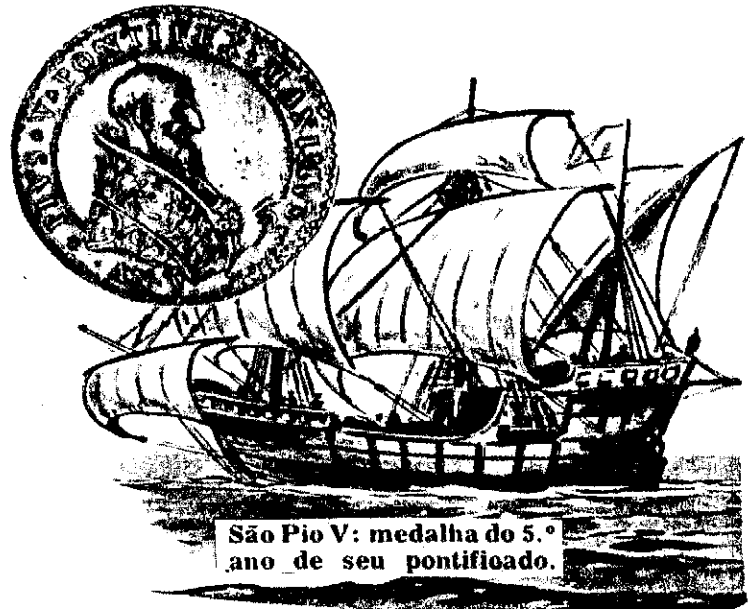


Aproximaram-se, entretanto as duas armadas. Os turcos tinham o vento favorável, contudo os cristãos redobram, com esse novo estorvo, a sua confiança na Senhora, e em breve o vento mudou de rumo, soprando-lhes agora de pôpa.

Romperam fogo, e foi tal o canho neiro de ambas as partes, durante três intermináveis horas, que o ar se escureceu, mantendo os corações em suspenso.

Dissipou-se enfim a fumaça, apresentando aos cristãos uma cena emocionantemente jubilosa: - Os turcos iam em fuga, recuando, com as naus incendiadas, aproximando-se da costa!

Estuando então de transbordante confiança e incoercível furor, os almirantes aliados fizeram fogo ponteiro sobre a capitânea turca, mataram Ali Pachã, abordaram a sua famosa galera e lhe arrancaram a bandeira otomana.



São Pio V: medalha do 5.º ano de seu pontificado.

Selim II, filho de Solimão II, pouco antes falecido, estava agora vergonhosamente vencido e humilhado.

Toda a armada de Cristo bradava a uma voz, em delirante e estrepitoso júbilo: - Vitória, Vitória!

Trinta mil homens perdeu o inimigo nessa única refrega; caíram nas mãos dos vencedores cinco mil prisioneiros, entre os quais, dois filhos de Ali, e cento e trinta galeras... Tão completa foi a derrota otomana, que nunca mais a Meia-Lua ameaçou gravemente a Cristandade.

No lado cristão "faltou tão pouca gente, que todo o orbe conheceu visivelmente a assistência do céu, e aclamou o portentoso milagre".

"REZAREI O MEU ROSÁRIO ENQUANTO TIVER ALENTO, E QUANDO OS LÁBIOS JÁ NÃO PUDEREM PRONUNCIÁ-LO, ENTÃO O CORAÇÃO REZARÁ" (São Paulo da Cruz)

Durante as três horas do renhido combate rezava em Roma o Santo Pontífice, apelando sem cessar a proteção da Virgem Santa, até o momento da Vitória. A Senhora Iha revelou no mesmo instante da derrota otomana, e do Papa a ouviram alguns cardeais, propalando-a entre o povo muito antes que chegasse o correio oficial, fatigado e exultante.

Tão persuadido estava São Pio V da intervenção direta da Mãe de Deus no triunfo, que em sua honra instituiu a festa de Nossa Senhora da Vitória. O clero, o povo, em particular os combatentes, aplaudiram, emocionados, este preito de gratidão Àquela a quem cada um atribuía a vergonhosa fuga do potente e soberbo adversário.

★ ★ ★

Desde então, ficou a solenidade do Rosário unida à da Vitória, e os seguintes Papas, não só confirmaram, mas ampliaram a demonstração de filial, de perpétua gratidão da Cristandade pelo patrocínio de Maria Santíssima neste passo arriscado e decisivo.



Dentre os combatentes da esquadra cristã que venceu a batalha de Lepanto estava o famoso escritor espanhol, Miguel de Cervantes.

Quando se lhe deparou a oportunidade de enfrentar os inimigos da Fé, o seu bravo coração estremeceu de alvoroço, tendo logo se alistado.

Na manhã da grande peleja, Cervantes amanheceu com febre e disseram-lhe que não poderia combater; mas, insubordinou-se à idéia de permanecer inativo, enquanto outros lutavam.

Conhecendo-lhe bem a coragem e o zelo, deixaram-no lutar; e como recompensa ao seu nobre espírito, apesar de ser apenas soldado raso, foi colocado com mais doze num dos postos de maior perigo, na amurada da galera que, provavelmente, iria ser primeiramente atacada pelo inimigo.

Com efeito, a luta foi ali terrível e Cervantes combateu como um leão, realizando verdadeiras proezas, animado pelo ideal católico.

Foi gravemente ferido, mas continuou a pelejar, o braço esquerdo e a mão atingidos por uma bala, o peito a sangrar.

Aqui estão as suas próprias palavras: "Brandia com uma das mãos a espada, enquanto da outra jorrava o sangue aos borbotões. O meu peito estava dilacerado por uma ferida profunda e tinha a mão esquerda retalhada; mas era tão grande a alegria soberana que inundava a minha alma, que nem sequer sentia as minhas feridas".

E, com grande despreendimento, acrescenta, referindo-se ao seu braço mutilado: "Perdi o uso e o movimento do esquerdo, para maior glória do direito".